

ARQUEOLOGIA CONTÁBIL

1 Introdução

Giovani Rossi justifica a importância de um estudo arqueológico da Contabilidade com a seguinte frase.

"Uma cultura contábil só será completa quando se investigar a origem e o desenvolvimento da ciência das contas".

A rápida evolução do mundo nos coloca cada vez mais distantes do passado, o que nos distancia também da cultura.

As pessoas não se dão conta de que os fatos que nos antecederam são os grandes responsáveis pelos que vivemos nos dias de hoje, assim como os que realizarmos hoje influenciará nossa vida no futuro.

O conhecimento da evolução do pensamento contábil é de suma importância para todos os profissionais da área, pois é através dele que tiramos as conclusões do que estamos vendo nos dias de hoje; e não só de um passado próximo, mas sim desde o seu primeiro passo.

Por isso desenvolvemos um trabalho de arqueologia contábil, voltando a 8.000 anos a.C e tentando entender como tudo começou.

Para tanto, segregamos este pequeno relato em três partes. No primeiro, abordamos as diversas divisões da história da Contabilidade apresentadas por diversos historiadores; depois apontamos a Evolução da Linguagem Escrita em diversos pontos do mundo antigo a saber: Mesopotâmia (Suméria, Assíria, Caldéia), Egi-

to, Pérsia, Índia, China e Fenícia. Antes de concluir, para completar esta visão retrospectiva da Contabilidade, não poderíamos deixar de mencionar a Evolução da Linguagem Numérica.

2 Divisão da História da Contabilidade

A evolução da Contabilidade no tempo e no espaço pode ser segregada em fases, a saber:

- 1 – Pré-história
- 2 – Fase primitiva ou primeiro período
- 3 – Fase antiga ou segundo período
- 4 – Fase moderna ou terceiro período
- 5 – Fase contemporânea ou quarto período

Divisões históricas da Contabilidade: Federigo Melis em *Storia de la Ragioneria* (Bologna, 1950) divide os períodos da história da contabilidade da seguinte forma:

Primeiro Período: de 6000 AC a 1.200 d.C (Idade Empírica ou Mundo Antigo)

Alguns cientistas afirmam que o homem existe há 50.000 anos, porém a Terra passou por quatro dilúvios. O último dilúvio, segundo algumas pesquisas, ocorreu por volta de 4.000 a.C. Esse período termina em 1200 d.C com a publicação do livro *Líber Abaci* de Leonardo Fibonacci, o Pisano.

Segundo Período: de 1202 a 1494 d.C (Idade da Sistematização ou do Mundo Medieval)

Esse período termina com o *Tractatus de Computis et Scripturis* de Frei Luca Paccioli, que associava a teoria do débito

- Gabriela Barreto Araújo Swerts
- Josemar Azevedo Araújo

□ Autora – Contadora formada pela Faculdade Moraes Junior – RJ, Mestranda em Ciências Contábeis pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Professora da Universidade Gama Filho

□□ Colaborador – Administrador de Empresas e Contador formado pela Faculdade Moraes Junior - RJ, ex-auditor do BHN e Caixa Econômica Federal e revisor de textos técnicos)

e do crédito a dos números positivos e negativos. Esta obra contribuiu para inserir a Contabilidade entre os ramos do conhecimento humano. Mas é bom lembrar que o mérito de descrever, de forma rudimentar, a técnica digráfica (débito e crédito) é do *Líber Abaci*, de Leonardo, o Pisano. Com isso, muitas pessoas acusam Frei Luca Paccioli de plagiador, mas Hamilton Parma, em seu artigo *Delineamentos histórico-contábeis*, na *Contabilidade Vista e Revista* de 1991, afirma que não há nenhuma ligação entre um e outro, seus pensamentos e descrição de métodos. A grande novidade advinda do *Líber Abaci* foi a substituição do algarismo romano pelo árabe.

Terceiro Período: de 1494 a 1840 (Idade Moderna ou do Mundo Moderno ou da Licenciatura Contábil).

Nesse período ocorreu o aparecimento da obra *La Contabilità Applicatta alle Amministrazioni Private e Pubbliche*, cujo autor foi Francesco Villa. Com uma premiação na Áustria, esta obra é um marco na história da Contabilidade.

Quatro Período: de 1840 a 1900 (Idade Contemporânea ou do Mundo Científico)

Esse período se estende até os nossos dias.

Tolstói C. Klein, em *História da Contabilidade*, divide os períodos em:

Pré-história: de +/- 4.000 AC a 500 AC

Primeiro Período: de 500 AC a 1494 DC

Segundo Período: de 1494 a 1700

Terceiro Período: de 1700 a 1900

Quarto Período: de 1900 aos nossos dias

Essas divisões são apresentadas em diversos estudos e pesquisas sobre a História da Contabilidade, o que nos leva a afirmar que a origem da Contabilidade se deu entre os anos de 6000 a 4000 AC, datas essas que se tem conhecimento das primeiras civilizações.

Outros importantes estudos arqueológicos apontam a origem da Contabilidade nos anos de 8.000 a.C, no Oriente Próximo, como é o caso da brilhante recente obra do Professor Paulo Schimidt, *História do Pensamento Contábil*, (2000: 15). Schimidt afirma também que "em sítios arqueológicos em Israel, Síria, Iraque, Turquia e Irã foram encontrados pequenos artefatos de barro, chamados de fichas, datando de 8.000 a 3.000 a.C".

Francisco Gaya Gomes, em *História da Contabilidade: gênese, evolução, atualidade* (1944: 1), disse que a Contabilidade não teria passado pela etapa pré-histórica pelo fato de esta época ter sido um período de formação inicial da própria Terra e da humanidade.

Contrastando com essa posição de Gaya, Schimidt (2000:15) explica:

O período pré-histórico mesolítico, compreendido entre 10.000 e 5.000 a.C. foi marcado pelo aquecimento do clima da Terra, pondo fim ao período glacial. Sua caracterização como período pré-histórico deve-se ao fato de situar-se antes do aparecimento da escrita, fato que marcou o fim desse período.

Essa mudança no clima da Terra favoreceu o aparecimento das primeiras grandes comunidades nas terras baixas do Oriente Próximo, especialmente onde abundantes nascentes tornavam essas áreas privilegiadas para o cultivo agrícola e para a criação de animais.

Santiago N. Estrada, no artigo *A Contabilidade na pré-história e no mundo antigo* (Revista Paulista de Contabilidade, v.55, n.453, 1977), apresenta a visão de

que o Homem dos tempos primitivos sempre teve a intuição de que as coisas obtidas na natureza, para satisfazer suas necessidades, seriam de sua pertença (a noção de propriedade no seu nascedouro) e constituiriam, portanto, sua própria riqueza ou patrimônio.

Para ratificar a idéia de que a contabilidade surgiu nos tempos mais remotos da história da civilização humana, Antônio Lopes de Sá afirma que a história contábil é tão antiga quanto a própria história humana.

Martim Noel Monteiro, em sua obra *Pequena História da Contabilidade*, de 1979, lembra que o homem criou instrumentos para exploração e interpretação do mundo físico com o objetivo de adaptar-se ao meio em que vivia. Estes instrumentos, para o autor, são os intelectuais compreendendo as várias ciências e técnicas e afirma:

Foi neste mundo complexo do homem – mundo físico e mundo social – que a contabilidade nasceu, evoluiu e adquiriu a forma que hoje tem e o conteúdo que comporta.

Da mesma forma, Anéte C. C. Ferreira, no artigo *História da Ciência Contábil* (Revista Brasileira de Contabilidade, v. 15, n.55 1985), afirma que a necessidade de preservação da memória dos fatos sucedidos, com as coisas que são administradas pelo Homem, para atingir seus objetivos, é tão primária e primitiva quanto as manifestações humanas sobre o Planeta.

O Professor Eloy Teixeira Azeredo afirma que civilização significa um estágio aperfeiçoado, complexo, organizado e caracterizado da cultura de um povo. Compreende-se, então, que a civilização é uma consequência da evolução humana.

Nosso trabalho engloba as fases da Pré-história e Primitiva ou primeiro período.

Na fase Pré-histórica iremos abordar a Evolução da linguagem escrita e da linguagem numérica, os povos Manú, Hamurabi, Hititas, Chins, Egípcios, Fenícios, Caldeus, Sumero-babilônicos (a Torre de Babel).

A fase Pré-histórica da Contabilidade vai desde a origem de toda a atividade humana até o surgimento das primeiras manifestações da linguagem escrita em 4000 AC.

Foi na fase Pré-histórica que surgiram as primeiras manifestações da linguagem

escrita e também da linguagem dos números.

Os grandes historiadores dividem essa fase pré-histórica em três períodos: O período Paleolítico, o Neolítico e o da Idade dos Metais.

Segundo explicações do Prof. Eloy Teixeira Azeredo, nas aulas de *Evolução do Pensamento Contábil*, no Mestrado em Ciências Contábeis, os homens do Paleolítico eram nômades, vestiam peles de animais para se defenderem do frio intenso, viviam em cavernas e alimentavam-se do que coletavam. No período Neolítico, os homens saíram das cavernas e dirigiram-se às proximidades dos lagos e dos rios, porque o clima era mais brando. Aprenderam a domesticar algumas espécies de animais e a plantar, tornaram-se sedentários e começaram a se fixar em aldeias. Na Idade dos Metais aquelas aldeias transformaram-se em cidades. Foi descoberto o uso do metal pelos homens, que se tornaram artesãos e agricultores; as cidades se desenvolveram, as classes sociais e os governos já apareciam bem delineados.

A cronologia do nascimento das primeiras civilizações humanas é a seguinte, segundo alguns autores:

4000 AC – Egípcios

2000 AC – Chineses

1600 AC – Hititas (povo que habitava a Ásia Menor, Planalto de Anatólia - Turquia)

1500 AC – Indianos

759 a 625 AC – Assírios e Sumero-babilônicos

3 Evolução da Linguagem Escrita

A linguagem falada não era suficiente para atender às necessidades grupais humanas.

De maneira rudimentar, os primeiros registros, feitos em contas primitivas, foram dos fatos da riqueza, na tentativa de memorizar os pertences de que dispunham e estavam armazenados, não precisando mais, portanto, buscá-los na natureza. Por exemplo, o desenho de um animal podia representar a natureza do objeto, e sua utilidade, que o homem primitivo havia conquistado e teria guardado.

As primeiras escrituras rituais foram feitas em 4000 AC em pedras, mármore, bronze, couros, peles e madeira.

Sabe-se que o primeiro registro tinha sido gravado num chifre de rena, material

farto e resistente existente no Paleolítico Superior. Nestes registros eram identificadas somente as quantidades, os objetos não eram representados.

3.1 MESOPOTÂMIA

Os historiadores consideram a civilização mesopotâmica a mais antiga civilização do mundo, iniciada como comunidade agrícola desde 8.000 anos AC.

Na Mesopotâmia, região muito rica, de solo fértil e de fácil acesso, localizada entre os Rios Tigre e Eufrates, viviam os Assírios, os Caldeus e os Sumérios. A riqueza e a acessibilidade desta região atraíram muitos povos que deram origem às cidades onde surgiram os primeiros pólos comerciais, no período de 4.500 a 500 AC. É por isso que muitos historiadores afirmam que o homem deve aos mesopotâmios o descobrimento da escrituração.

3.1.1 SUMÉRIA

Os pioneiros da civilização mesopotâmica, com início no século VIII AC, foram os sumerianos que se estabeleceram, como comunidade agrícola, na parte baixa do vale localizado entre os rios Tigre e Eufrates (baixo Mesopotâmia).

Porém, com o tempo, a agricultura deu lugar ao imenso império burocrático e comercial, mais precisamente nas cidades de Ur (Senkereh), Uruk (Warka), Lagash (Niffer) e Nipur (Shipurla). Isso aconteceu devido ao desenvolvimento político, cultural e religioso do povo sumério.

Alguns historiadores afirmam que os sumérios praticamente lançaram as bases da cultura mesopotâmica inventando a escrita cuneiforme, representada por sinais feitos em forma de cunhas, que somente variavam de posição, e que talvez esse seja o fato mais marcante na linguagem escrita.

Os registros dos sumérios eram feitos em argila e podiam ser retangulares ou ovais. Os mais famosos foram as pequenas tábuas de Uruk, de aproximadamente 2,5 a 4,5 cm com faces ligeiramente convexas. Utilizava-se as mãos ou espátulas para modelar a argila e colocá-la no tamanho e na forma ideal para a escrita. Essas tábuas eram preparadas pela manhã, conservadas com panos molhados para se manterem úmidas e possibilitarem a escrita. Ao serem escritas, as tábuas eram levadas ao forno e expostas ao

sol para logo após receberem uma cobertura de cera que servia para conservá-las. Essa prática perdurou até a época do Império Romano.

3.1.2 ASSÍRIA

Localizada na parte superior do Vale do Rio Tigre, a Assíria foi conhecida, como uma nação que vivia em guerra, aproximadamente no II milênio AC. Essa característica explica o desprezo do povo assírio pelas áreas comercial e industrial, permitindo que essas ocupações fossem exercidas por escravos e estrangeiros.

Quando Assurbanipal assumiu o reinado, tentou recuperar os escritos assírios fundando a biblioteca real de Ninive, a Biblioteca de Assurbanipal, que se encontra no Museu Britânico. Essa biblioteca foi a primeira da história universal, dispondo de 22.000 tabuletas de argila, descrevendo fórmulas, cartas, documentos comerciais e crônicas militares.

Segundo Tolstoi Klein, "os assírios, embora em tábuas de argila, registravam suas operações comerciais com perfeita noção de débito e crédito comercial e econômico".

Várias são as formas de documentos comerciais assírios que continham fórmulas da maneira ao que se propunham.

Todos os indícios nos levam a entender um sistema econômico assírio com muitas imperfeições em função de seu apreço pelas artes bélicas, fragilizando as ordens sociais e econômicas, deixando-as para escravos e estrangeiros.

As poucas transações econômicas que se viam no campo da indústria e do comércio eram realizadas pelos hebreus e fenícios.

Por volta de 13 anos (625 a 612 AC), o reino totalmente enfraquecido sucumbiu aos ataques das tribos iranianas e do exército caldeu, sendo tomado e destruído em sua íntegra.

3.1.3 CALDEIA

Após vários combates com os assírios, o povo caldeu se fixou nas terras baixas da Mesopotâmia formando a base de um novo império do Oriente Médio, o qual se chamou Nova Babilônia.

Com o tempo, sob o reinado de Nabucodonosor (605 a 562 AC), originou-se a fase neobabilônica representando o estágio final da civilização mesopotâmica

com a supremacia caldeia. Neste reinado, as leis e a cultura da antiga Babilônia foram reformuladas, fazendo da Caldéia o centro cultural e comercial de todo o Oriente (625 a 539 AC)

Pode-se resumir que o sistema econômico caldeu consistiu numa simples retomada das supostas práticas antepassadas de atividades comerciais e industriais. Sob este aspecto, os primeiros registros contábeis caldeus não se distanciam dos registros dos antigos babilônios, que visavam escriturar os inventários e as operações comerciais.

A fiscalização dos registros caldeus das plantações de palmeiras e tâmaras era feita pelo poder civil/religioso, como afirma D'Auria (1946, p.10).

Cosenza (1999, p.29) afirma que escavações recentes, efetuadas na região onde se localizava a Caldéia, têm permitido encontrar muitas outras pedras em que se esculpíram contas, inventários e verificações de bens, provenientes de saques ou tributos de guerra, fato que indica claramente a importância atribuída à atividade contábil nessa civilização.

Na cidade de Ur, onde viveu Abraão (personagem bíblico), encontraram-se, em algumas escavações, algumas tabelas de escrita cuneiforme, onde estão registradas contas referentes a mão-de-obra e materiais.

Para Martim Manoel Monteiro:

existem documentos gráficos que mostram as bases da sua economia e o desenvolvimento das suas instituições comerciais: registros contabilísticos, contratos, recibos, cartas comerciais e documentos legislativos e históricos.

3.2 EGITO

Não se tem certeza da origem do povo egípcio.

A linguagem escrita dos egípcios iniciou-se em 4000 AC. Nessa época, os egípcios faziam seus levantamentos patrimoniais usando as figuras. Começaram gravando, em muros e montanhas, desenhos que simbolizavam o sistema de vida em cada região, bem como os seus bens: bois, cabras, trigo. Usavam marcas profundas com os dedos ou com dados cuneiformes, o que podemos ver nos sarcófagos localizados no subsolo das pirâmides do Egito. Depois passaram a usar os

sinais que foram os primeiros hieróglifos.

Algumas pesquisas apontam os primeiros levantamentos patrimoniais egípcios há mais de 6.000 AC, gravados em pedras, mármore, bronze, couros, peles e madeira.

No ano de 1100 AC, os egípcios usavam o papiro. O papiro era uma planta existente no pântano às margens do Rio Nilo. Possuía um caule liso cortado em tiras finas e largas, que se colavam com água lamacenta do próprio rio, formando assim as páginas. Pode-se dizer que o papiro deu origem aos livros através da coletânea de folhas.

Nos papiros, e através do sistema hieróglifo, foram registrados muitos contratos e transações mercantis entre pessoas, povoados e nações.

Os responsáveis pela escrita eram os escribas, que escreviam utilizando uma linguagem característica sacerdotal e demótica (linguagem popular). Surgiu, então, o Colégio dos Escribas, nos quais o professor tinha a função de produzir escribas com o objetivo de atender à administração pública.

Os escribas exerciam as funções administrativa e contábil nos dois maiores patrimônios do país: o patrimônio do governo e o patrimônio do templo.

Santiago N. Estrada observou, em seus estudos da civilização egípcia, que havia três classes distintas de escribas:

- **Escribas Agrários:** escrituravam as contas dos cereais e do gado recebidos dos colonos, por tributo ou arrendamento dos campos, bem como sua transferência para os depósitos;

- **Escribas de depósito:** recebiam, escrituravam e controlavam o trigo que ficava guardado nos armazéns para futura moagem e panificação. Efetuavam, também, a anotação da farinha entregue e dos pães obtidos;

- **Escribas de tesouraria:** recebiam, anotavam e fiscalizavam os bens obtidos a título de troca, tributos ou espólio de conquistas bélicas (metais, incenso, perfumes, pedras de construção, etc), além da custódia de jóias e adornos do faraó.

A escrita sofria fiscalização do Fisco Real e por isso era exigido que fosse feita de forma correta, com seriedade e responsabilidade.

Várias pesquisas indicam os egípcios como os primeiros povos a utilizarem o valor monetário em seus registros. A uni-

dade monetária que aparecia na expressão numérica das suas contas era o "Shat", segundo Martin Manoel Monteiro.

O desenvolvimento contábil se deve aos passos evolutivos dos egípcios como afirma Antônio Lopes de Sá:

"A evolução nas matemáticas, as boas estruturas administrativas, as qualidades artísticas, todas essas formas de cultura muito ajudaram sumero-babilônicos e egípcios a imprimirem grande evolução nos processos de registros contábeis, pois, a educação para escrever era acompanhada daquela voltada para a cultura geral".

3.3 PÉRSIA

A Pérsia formou, entre 549 e 486 AC, um rico e poderoso império no Oriente após conquistar todos os povos vizinhos: os lídios e, principalmente, os caldeus. A área geográfica desse império ia das fronteiras do Indo ao deserto de Saara. E, 522 AC, o rei Dario I toma posse e divide o império em 20 satrapias (províncias). Cada província era comandada administrativa e financeiramente por um sátrapa (protetor do império, como se fosse governador civil) que lançava, arrecadava e recolhia tributos ao Erário-Régio

Alguns historiadores afirmam que os persas apresentavam características ecléticas na sua cultura. A escrita era originária do cuneiforme babilônico. Com o passar do tempo, os povos arameus, que comercializavam em suas fronteiras, deram origem a um alfabeto persa de trinta e nove letras.

As pesquisas da história contábil apontam o rei Dario como o primeiro a mandar inventariar e escriturar todos os bens do reino.

Baldomero Cerda Richart registra que:

os persas sob o reinado de Dario, nos anos de 521 a 485 AC formaram um cadastro, inventariando todas as propriedades dos conventos, igrejas, comerciantes, proprietários e viajantes, em consonância ao qual se estabeleceram os impostos que deviam pagar as populações, sendo também anotadas as transferências de propriedade, em virtude de compra-venta.

3.4 INDO E ÍNDIA

Os arqueólogos descobriram, por volta de 1921, a existência de uma antiga civilização, talvez até anterior à da Mesopotâmia, que habitou no vale do Rio Indo.

Vários são os fragmentos da escrita encontrados em pedras, argila e marfim, porém ainda não decifrados pelos cientistas, por isso, há dúvidas quanto à utilização de técnicas contábeis nessa civilização. Por outro lado, as cidades do Indo eram importantes centros comerciais, principalmente voltados para exportação, apresentando uma probabilidade de algum domínio dos registros dos fatos patrimoniais.

Passados vários séculos, por volta de 1 milênio AC, acredita-se que os povos "ários" dominaram esse vale, escravizando a população local, fundando pequenos reinos, cada reino governado por um rajá. Quando em situações de guerra, esses pequenos reinos se juntavam e formavam um grande Estado que era governado por um "marajá" (grande rei).

Com tudo isso, podemos imaginar que os antigos hindus tinham algumas noções de escrituração. Esse povo tinha um livro sagrado, o Código de Manu, o qual regulava de maneira perfeita a arrecadação e a administração do dinheiro público. Esse código hindu foi estudado por Francisco D'Auria, na área de Contabilidade Pública e nos aspectos tributários contidos neste código.

Um outro relato importante da história é que no Oriente, mais especificamente na Índia, por volta de 2.300 AC, existia um sábio escritor de nome Kautilya que escreveu o livro *Arthasāstra*. Este livro possuía 150 capítulos abordando diversos aspectos do conhecimento, inclusive a Contabilidade, a Economia, a Política, Administração, o Direito, os costumes e a ética. Quanto aos aspectos contábeis, apresentava a formulação teórica dos conceitos de receitas, despesas, custos, impostos de vendas, capital, etc; a conscientização sobre os conceitos de preço de custo, ponto de equilíbrio, processos de produção, produtos em elaboração e produtos acabados, produtos e subprodutos, apropriação de despesas e lucros com base na sua temporalidade (curto e longo prazo), aluguel e arrendamento. Também aspectos teóricos de controle (orçamento público), investigação (auditoria) e procedimentos de taxaço (tributação), além de

outras noções de lucro de suas formas (operacional e não operacional) ganhos (resultados ordinários, extraordinários e ágios).

O que percebemos é que este livro já descrevia procedimentos e normas contábeis de maneira bem evoluída para a época. Vários selos foram descobertos contendo registro de inscrições patrimoniais em Mohenjo-Daro e Harappa (no vale do rio Indo) o que não deixa dúvidas sobre a evolução da Contabilidade na Índia, mesmo com muitas dificuldades de leitura dessa escrita.

O professor Antonio Lopes de Sá escreveu um artigo sobre a evolução da contabilidade na Índia, no qual descreve vários trechos deste livro tão extraordinário e diz:

Tudo indica que na Índia já havia uma organização contábil apreciável, com muitos cuidados técnicos pertinentes às áreas orçamentárias; também, iguais preocupações existiram no que tange à revisão ou à auditoria que era feita, a cada cinco anos, na Contabilidade Governamental da Dinastia Mauryan.

3.5 CHINA

Os estudos arqueológicos apontam que as primeiras cidades chinesas foram construídas antes de 1.800 AC. Klein (1954, p.34) afirma que

não é fácil a tarefa de se apurar dados relativos aos chineses, cuja formação era praticamente mística e dogmática, excessivamente misteriosa no desenvolvimento da civilização e da história geral, bem como da história contábil, de modo tal, que, tudo quanto for anterior a FU-HI pertence ao campo da mitologia taótica.

Alguns historiadores apontam indícios da existência de uma crescente consciência social e cultural por volta de 2500 a 1800 AC nas regiões comunitárias agrícolas chinesas, ocasionando o aparecimento de assentamentos amuralhados e algumas tecnologias.

O período de 1650 a 1100 AC foi muito rico pois a sociedade chinesa utilizava bastante a criatividade ficando conhecida

como a civilização de Chang.

Nos estudos feitos, da civilização chinesa, encontraram-se relatos de que, em 700 AC, eles já gravavam suas contas em ossos e tábuas de madeiras. Essas gravações eram os registros unilaterais dos fatos.

A evolução contábil chinesa passou por várias dinastias: a de Zhou (256 a 110 AC), voltada para área de controladoria e orçamento; a de Han (206 AC a 220 DC), que foi o período do nascimento e crescimento da indústria (principalmente da siderurgia) e do comércio chinês e do desenvolvimento de uma tradição burocrática muito forte, o que acarretou o aparecimento e o desenvolvimento de muitas e eficientes técnicas administrativas.

3.6 FENÍCIA

Na costa oriental do Mar Mediterrâneo vivia a civilização fenícia entre os montes do Líbano. Por sua localização, em terrenos acidentados, a atividade agrícola não pôde se desenvolver, na região, dando lugar às atividades de manufaturas especializadas como vidro, cerâmica, metal e tecelagem, nas quais era utilizado o corante púrpura. Todo o mundo antigo consumia seus produtos, também transportados via navegação para outras civilizações. Com isso, a indústria naval se desenvolvia, com o objetivo da manutenção de sua frota.

Em todas essas viagens, com o objetivo de comercializar seus produtos, os fenícios iam fundando colônias e realizando tráfico com os povos da Ásia, da África, da Europa e das ilhas.

Os fenícios eram povos de origem árabe que se distinguiram pela habilidade mercantil. Eram avessos a guerras, mas no que se refere às atividades comerciais, utilizavam da violência para conseguirem a barganha. Assim, ficaram ricos e poderosos e formaram colônias de corporações comerciais, garantindo seus lucros.

Eram muito espertos, a ponto de aproveitarem-se das descobertas de outros povos para se desenvolverem e tirar suas vantagens. Os estudos indicam que os egípcios foram os responsáveis pela evolução da escrita hieroglífica e sua transformação em alfabética, mas hesitavam em separar os caracteres alfabéticos dos não alfabéticos, dizendo que os primeiros eram para a comunicação escrita. O povo

fenício, com sua esperteza, adotou o sistema de escrita egípcia, criado pelos invasores Hicsos, e nele se baseou para formar seu próprio sistema, já com as modificações que os egípcios deveriam ter feito, propagando esta nova idéia entre as nações vizinhas como de sua autoria.

Os fenícios gravavam os sinais e registravam seus atos e fatos em tijolos de argila, numerando-os e guardando-os em espécies de bibliotecas como a Biblioteca de Assurbanipal, que tem todo seu acervo escrito em argila.

Para Schimidt (2000:23) um fato histórico marcante para o desenvolvimento cultural do homem foi a invenção, pelos fenícios, em 1100 a.C., da escrita alfabética (base para todas escritas européias modernas). Foi o instrumento da difusão de idéias entre os povos.

Segundo Klein, os fenícios já no ano de 890 AC apresentavam linguagem escrita evoluída, com a famosa inscrição do rei Kalumu, e a não menos famosa taça de cobre à Baal.

4 Evolução da Linguagem Numérica

A escrita surgiu do desenho por um processo lento e sua evolução muito contribuiu para a Contabilidade. As anotações de operações comerciais e os registros de patrimônio eram feitos de forma rudimentaríssima, conforme indica Tolstoi Klein. Era o primitivismo contábil sem forma definida.

Mas foi com a evolução dos números que nasceu o processo contábil.

Da mesma forma que uma criança aprende a contar utilizando os dedos da mão e do pé, os primitivos também os usavam para suas contagens.

A palavra Contabilidade deriva do latim "computabilis", e significa contar, conforme nos ensinou o professor Eloy Teixeira Azeredo. Então, para que se faça contabilidade, em primeiro lugar, deve-se saber contar.

Podemos, afirmar que a Contabilidade passa a existir após o entendimento da linguagem escrita, aliado ao conhecimento da linguagem numérica.

Alguns estudiosos, como Hamilton Parma (1991, p.21), entendem que o número antecede à escrita. Hamilton Parma afirma em seu artigo escrito para a Revista Contabilidade Vista e Revista, volume 3

que a conta, portanto, começa a ser computada desde o instante em que o homem concebe a idéia do número de modo que ao contrário do que se supõe habitualmente, é muito anterior à escrita.

Jaime Lopes Amorim, em sua obra *Digressão através do Vetusto Mundo da Contabilidade* (1968: 29-30), diz que os sinais utilizados para representar os diversos números eram pontos e traços e associa que, assim como a descoberta da escrita ocorreu muito tempo após da linguagem falada, a evolução do aprendizado dos números se deu após o entendimento do contar.

Os egípcios, os árabes, os sumerianos e os hititas, através dos processos mnemônicos, hieroglíficos e romanos, são considerados os povos precursores no conhecimento dos números.

Os povos utilizavam os seguintes traços para representar os números:

- Egípcios – traços verticais representando numerais até nove.
- Fenícios (árabes) – traços verticais

para designar a dezena a que teriam que somar.

- Sumerianos (babilônios) – escrita cuneiforme servindo-se apenas de dois símbolos para representar diversos números.

Martim Manoel Monteiro explica que os algarismos romanos lembram bem a origem dos sinais: os dedos da mão humana, por onde o homem começou a contar: I, II, III. O cinco (V) era o vértice formado pelo polegar com os outros quatro dedos e dez (X) era o cruzamento das mãos.

Os árabes evoluíram criando os algarismos arábicos de 1 a 9 e depois de 1 a 10, com a descoberta do zero.

Com o tempo, vieram descobertas, que são importantíssimas para a Contabilidade, tais como a dos graus de um círculo (360), pelos maias e aztecas, e a do calendário que definiu o ano com 360 dias.

teve origem nos mais remotos tempos, ou seja, com o próprio advento do "homo sapiens". O desenvolvimento se deu na medida da necessidade provocada pelo desenvolvimento do homem, da cultura e da sociedade bem como de seus costumes.

Na verdade, tudo começou com a necessidade de contar e controlar os objetos do "homo sapiens", que mantinha, em suas cavernas, coisas de sua propriedade, como pedras, madeiras, chifres, machadas, comidas. A seguir, faz-se necessária a comunicação escrita, o que ocorreu através de inscrições contidas em rochas, também chamadas de rupestres, e em madeira, daquilo que pertencia.

A Ciência Contábil, como todas as ciências, nasceu da vivência do dia-a-dia quando era necessário guardar em memória os eventos sobre o patrimônio.

No primeiro momento, o conhecimento contábil era exercido de forma empírica mas, depois de muitos milênios, passou a ter natureza científica, o que torna o estudo evolutivo bastante interessante e de fundamental importância.

5 Conclusão

Com base na definição de vários historiadores, entendemos que a Contabilidade

6 Bibliografia

AZEREDO, Eloy Teixeira, *Anotações da disciplina Evolução do Pensamento Contábil*. Mestrado em Ciências Contábeis da UERJ, 2º semestre de 2.000

CRC/MG. Página da Internet: <http://www.crcmg.org.br>

KLEIN, Tolstoi C. *História da Contabilidade*. Rio de Janeiro: Ed. Aurora, 1954

MONTEIRO, Martin Noel. *Pequena História da Contabilidade*. Lisboa: APOTEC, 1979

PARMA, Hamilton. *Delineamentos histórico-contábeis*. Belo Horizonte: Contabilidade Vista & Revista, v. 3, n. 1, 1991.

SÁ, Antônio Lopes de. *Condução do raciocínio contábil e razões científicas do conhecimento em contabilidade*. Belo Horizonte: Contabilidade Vista & Revista, v.1, n.1, 1989

_____. *História Geral e das Doutrinas da Contabilidade*. São Paulo: Atlas, 1997.

_____. *Teoria da Contabilidade*. São Paulo: Atlas, 1998

ESTRADA, Santiago N., *A Contabilidade na Pré-história e no mundo antigo*. São Paulo: Revista Paulista de Contabilidade, v.55, n.453, 1977)

FERREIRA, Anete C. C. *História da Ciência Contábil*. Brasília, Revista Brasileira de Contabilidade, v. 15, n. 55, 1985.

SCHIMIDT, Paulo. *História do Pensamento Contábil*. Porto Alegre: Bookman, 2000.